

# A universidade do futuro



José Vicente Tavares dos Santos

Organizador

# A Universidade do Futuro



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

Reitor

**Rui Vicente Oppermann**

Vice-Reitora e Pró-Reitora  
de Coordenação Acadêmica

**Jane Fraga Tutikian**

EDITORA DA UFRGS

Diretor

**Alex Niche Teixeira**

Conselho Editorial

**Álvaro R. C. Merlo**

**Augusto Jaeger Junior**

**Enio Passiani**

**José Rivair Macedo**

**Lia Levy**

**Márcia Ivana de Lima e Silva**

**Naira Maria Balzaretto**

**Paulo César Ribeiro Gomes**

**Rafael Brunhara**

**Tania D. M. Salgado**

**Alex Niche Teixeira**, presidente

CENÁRIOS DO  
CONHECIMENTO



Coordenação da Série  
**Ivan da Costa Marques**  
(UFRJ)

**José Vicente Tavares dos Santos**  
(UFRGS)

**Maira Baumgarten**  
(UFRGS)

Conselho Editorial

**Ana Maria Fernandes**  
(UNB)

**César Ricardo Siqueira Bolaño**  
(UFS)

**Clarissa Eckert Baeta Neves**  
(UFRGS)

**Ernani Lampert**  
(FURG)

**Fernanda Sobral**  
(UNB)

**Gilson Lima**  
(UFRGS)

**Ingrid Sarti**  
(UFRJ)

**Ivan Izquierdo**  
(PUCRS)

**José Vicente Tavares dos Santos**  
(UFRGS)

**Jorge Olimpio Bento**  
(Univ. Porto, Portugal)

**Maria Lucia Maciel**  
(UFRJ)

© dos autores  
1ª edição: 2020

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto  
Preparação de originais: Gabriela Carvalho Pinto  
Revisão: Michel Flores  
Editoração eletrônica: Clarissa Felkl Prevedello

A grafia desta obra foi atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 1ª de janeiro de 2009.



---

U58 A Universidade do futuro [recurso eletrônico] / organizador José Vicente Tavares dos Santos. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.  
300 p. : pdf

(Cenários do Conhecimento)

Texto de palestras apresentadas no ciclo de debates A Universidade do Futuro do Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (ILEA), em 2013-2014.

1. Educação. 2. Ensino superior. 3. Universidade. 4. Ciência – Tecnologia – Inovação – Universidade. 5. Interdisciplinaridade – Conhecimento. 6. Universidade – Ensino Médio. 7. Universidade – Mundialização. I. Santos, José Vicente Tavares dos. II. Série.

CDU 378

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-65-5725-019-8

# A Universidade do Futuro

---

José Vicente Tavares dos Santos

Organizador

# A crise do ensino médio e o papel da universidade

Simone Valdete dos Santos

Abordar a crise do ensino médio é também falar da crise das licenciaturas. Nesse sentido impõe perguntar que carreira é a docência. Ademais, que carreira é possível? Temos estudantes do ensino médio que estão no momento de escolha profissional. Então, quais são as perspectivas? Portanto, também, de certa forma, é falar da crise das licenciaturas.

Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) em relação às matrículas (Brasil, 2011) mostram: temos 110 milhões de pessoas com idade acima de 10 anos que não completaram a primeira e a segunda fase da educação básica, que é o mínimo de 12 anos de estudo, conforme o senso demográfico de 2010. Então, são 81,3 milhões de pessoas sem o ensino fundamental e 28,7 milhões de pessoas sem o ensino médio.

A demanda para a educação básica no Brasil é muito grande. Se falarmos da demanda para o ensino superior e para o ensino técnico, reconheceremos também que são grandes demandas. Em agosto de 2010, o censo totalizou 190 milhões de pessoas, então, quando falamos sobre a disputa de uma vaga, e o debate do Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é muito importante, são vagas muito preciosas, ainda mais as vagas da universidade pública, pois, de fato, ainda é um grande privilégio estar em uma universidade pública, observando os índices de escolaridade da população.

Portanto, falando em política da educação há que reconhecer que impacto de uma política educacional não se observa em curto prazo, observa-se em longo prazo.

Então, pensando em eficácia e eficiência, até que ponto a política é eficaz ou até que ponto a política é eficiente? Falando em políticas educacionais eficientes e eficazes temos que pensar que hoje o Brasil é a 6ª economia mundial e, hoje, em qualquer debate que tenhamos sobre política pública no Brasil, é importante considerarmos essa posição internacional, afinal, temos essa posição internacional razoável na questão econômica.

Ademais temos uma boa legislação em educação, nossa legislação não é ruim. Diferente da legislação nos períodos militares, que era muito complicada, a nossa atual é uma boa legislação, que favorece as políticas. As atuais diretrizes do ensino médio têm uma formulação muito interessante. Por outro lado, temos o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), que colocou no governo Lula, as matrículas do ensino médio e também da Educação de Jovens e Adultos (EJA) para o financiamento. É claro que o Fundeb teve um corte em relação aos impostos. Então, no Rio Grande do Sul, nenhum município recebe o recurso do Fundeb como os municípios do norte e do nordeste, que têm uma arrecadação muito baixa, mas está lá, no Fundeb, inclusive o pagamento do piso nacional do magistério e o financiamento das matrículas do Fundeb.

Temos também o monitoramento dos resultados; existe hoje toda a questão de observar o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) das escolas, todo um ranqueamento das escolas pelo Ideb, também das escolas, das redes, e também o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) enquanto essa grande prova – grande no sentido de alcance, hoje 8 milhões de jovens e adultos que querem a conclusão do ensino médio, querem o acesso à universidade privada via Programa Universidade para Todos (Prouni), o SisU. Então, o Enem enquanto uma prova nacional que verifica esse alcance do ensino médio – por outro lado podemos criticar ou questionar a formulação da prova, o nível de alcance.

O monitoramento dos resultados, com um sistema informatizado, é dos últimos 15 anos no Brasil. Assim, pode se observar os índices de evasão, que, na minha opinião enquanto pesquisadora da educação e das políticas educacionais, são muito mais complicados que os nossos índices

de retenção, de reprovação e, no ensino médio, são bastante altos os índices. No Rio Grande do Sul, estava em cerca de 30 %.

Então, 30 % é o índice do Rio Grande do Sul. É alto, pensando no que significam os investimentos nesses estudantes que não ficam nem resolvem pela reprovação, porque saem da escola. E, aí, eu gosto muito dessa frase que tenho utilizado, que eu escrevo mais sobre a educação profissional – e educação profissional vinculada à educação de jovens e adultos –, mas o quanto a educação profissional, pensando no contexto do ensino médio, vinculado ao técnico no Brasil: nenhum estudante pode concluir o ensino técnico e ser um técnico em informática, em enfermagem, em mecânica, sem o ensino médio. Eu tenho escrito que a educação profissional forja o trabalho e o trabalhador.

Estar ou não no ensino médio, concluir ou não o ensino técnico? Nós temos uma condição de trabalhador pelo seu salário, pela sua condição de vida, mas também pelo trabalho, pelas relações de trabalho que se colocam aqui. Hoje se fala tanto na crise, no apagão da mão de obra, que o Brasil é a 6ª economia do mundo, mas não tem técnicos qualificados, o que está muito vinculado também a essa crise do ensino médio – hoje, com o aumento das matrículas, nós vamos chegar a 8 milhões de matrículas, essa é a meta do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Claro, alcançar a meta é outra coisa, mas essa é a meta, e aí esses estudantes precisam ter o ensino médio pra concluir esse técnico. Então, falar também de uma crise no ensino médio impacta os nossos resultados na educação profissional do Brasil.

E aí o Enem, essa grande prova nacional que coloca o aluno no ensino superior via Sisu e também via Sistema de Seleção Unificada da Educação Profissional (Sisutec), que é uma novidade esse ano, que são as vagas da educação profissional, inclusive o sistema S está colocando as suas vagas Pronatec no Sisutec, está iniciando a sua colocação. Então, esse estudante que conclui, ou não conclui, mas se sai bem no Enem e no score, ele pode se candidatar a uma vaga no ensino técnico.

Eu gosto muito deste livro, até trouxe para falar, que é do José Gimeno Sacristán, pesquisador espanhol, que é *O aluno como invenção*. Eu gosto muito desse livro porque é um livro fácil, uma leitura simples, é indicado para os professores de ensino médio. Nele, Sacristán “desnaturaliza” essa



visão (que a gente tem muitas vezes) de olhar para o estudante e enxergar nele um estudante, e aí ele traz os dados desde a Idade Média, de quando esse sujeito é visto como um ser em formação; e eu gosto da citação dele quando diz: “a infância construiu em parte o aluno, este construiu parcialmente a infância” (Sacristán, 2005, p. 14). E a gente também, se olhar para a criança, ela não pode trabalhar, ela deve ser protegida, e essa questão de proteger a infância também é muito nova, é do final da Idade Média, início da Modernidade.

Da mesma forma, esse jovem, enquanto um sujeito de direitos, que é o nosso estudante do ensino médio, e aí ele diz que o mundo mudou, quando que se imaginava que o Jobs – eu me lembro que ele disse em uma palestra que daria para ter um celular (e a gente achava que ele era louco), e ele disse que teria tudo no celular e de fato está aí. Então, claro que precisa se ter o recurso para comprar o aparelho, mas tendo essas condições materiais, tudo o que é possível no que antes era para falar, só comunicação. E a comunicação também se “complexificou” junto com todo o nosso entendimento do que é o meio de comunicação.

E aí diz, o mundo mudou e isso é claro, principalmente na questão tecnológica; os alunos, também, então não é um incremento tecnológico, as pessoas se modificam, e até eu brinco quando eu dou aula: eu tive uma turma da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (Esefid, antiga ESEF) que era triste na coisa de mensagem, e tem toda uma pesquisa nos Estados Unidos de quando vai mudar em função da questão das mensagens, inclusive das próximas gerações. Então, muda, inclusive, com as questões tecnológicas, o nosso condicionamento físico se modifica, então os alunos também, que são sujeitos, são pessoas.

Teremos de alterar nossas representações como pessoas do mundo e dos alunos. Então, no ensino médio, a grande questão é como nós, adultos, que estamos em crise, que a sociedade está em crise de valores, crise de costumes, e quando eu falo em crise, eu gosto muito de Georges Balandier, um antropólogo que fala que nessa desordem sempre há uma ordem, e o Balandier, nesse livro *A desordem* (1997), ele fala nessa questão de que sempre existe ordem na desordem, e é uma questão de nós vermos nessa crise o quanto a gente tem que mudar as representações dos nossos estudantes também.

E também essa visão que existe no ensino médio – e que existe na educação básica – de que depois, quando a gente está na graduação e trabalha com os “bixos”, e quer trabalhar na pós-graduação, imagina que é um aluno mais maduro, enfim, aquela eterna procura do mundo adulto que nós temos como professores. Balandier diz que as crianças e os jovens são o que ainda não são (isso foi uma construção da modernidade, por que a escola?). Imaginar que tem que ser feito esse ser humano porque ele não está feito, aqueles que não têm condição de serem adultos, aqueles que não são de todo inteligentes, maduros, responsáveis, disciplinados e úteis para o trabalho.

Essa visão moderna é uma visão em crise, principalmente hoje, o que significa o mundo adulto com desemprego estrutural e, ao mesmo tempo, com a sexta economia no mundo, precisando de mais acesso à escolaridade formal, enfim, para dar conta desses desafios. E, aí, ele diz: uma etapa não prediz a seguinte, mas sua textura e solidez sustentam a subsequente que a encobrirá (Balandier, 1997). Então, é uma visão da escola moderna e que faz com que hoje a gente não consiga enxergar esse jovem na sua condição atual, não imaginando como ele vai ser. Por isso, a crise no sentido do ensino médio, porque ele precisa ser um final; esse discurso “para a universidade” ou até para o técnico, sim, para o mundo do trabalho, e cuidar o que significa. Nesse ponto, as diretrizes curriculares tentaram com o trabalho, tentaram com a natureza, com a tecnologia e o trabalho com princípio educativo, a pesquisa como ensino pedagógico que consta para as diretrizes, para o ensino médio ter um fim em si mesmo e servir para os estudantes, servir para esse sujeito jovem, para esse sujeito adulto concluir. Porque hoje, infelizmente, ele não está conseguindo dar conta, principalmente na questão do mundo do trabalho, nessa questão geral necessária.

Uma meta que o ensino médio tem diante do emprego estrutural, que o Sacristán fala, é que sabemos: trabalho não é realização pessoal, nem em estado de plenitude ou independências pessoais. Agora, aprendemos que não é sequer um discurso seguro para ser proposto como meta clara de futuro. Então, como também as redes ficam, e a rede estadual, responsável pela maioria das matrículas do ensino médio, fica. Bom, não é um preparo para o trabalho; não é um preparo para a universidade também, até porque não há vagas para todos, mas, enfim, se quer um bom resultado no

Enem. Bom, mas e aí, como fica a situação do ensino integral da perspectiva da fruição do idioma, que é importante na educação básica, e também a educação vinculada às artes.

## Referências

BALANDIER, G. *A desordem: elogio do movimento (Le désordre)*. Trad. Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BRASIL. Resumo Técnico – Censo Escolar 2010. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília: Inep/MEC, 2011. Disponível em: < [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/resumos\\_tecnicos/divul](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/divul)

[gacao\\_censo2010\\_revisao\\_04022011.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/divulgacao_censo2010_revisao_04022011.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2017.

SACRISTÁN, J. G. *O aluno como invenção*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005.